

**RAP E SUAS FORMAS DE CONSUMO: UMA ANÁLISE DAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E MENTAIS NO INDIVÍDUO**

***RAP Y SUS FORMAS DE CONSUMO: UN ANÁLISIS DE LAS IMPLICACIONES SOCIALES Y MENTALES EN EL INDIVIDUO***

***THE RAP AND ITS WAYS OF CONSUMPTION: AN ANALYSIS OF SOCIAL AND MENTAL IMPLICATIONS IN THE INDIVIDUAL***

André Giglio BALTHAZAR<sup>1</sup>

**RESUMO:** No final dos anos 90 e início dos anos 2000, o rap atingiu seu *boom* tendo como força motriz o caráter de denúncia da realidade das periferias e do indivíduo negro no Brasil. Hoje, o mercado passa a vender o estilo musical e de se vestir para além das favelas em que as letras assumem novas ressignificações e abordam incessantemente uma forma de *culto ao luxo*, entrando para o gosto musical da classe média alta. Diante disso, proponho-me a analisar o processo de construção de identidade e “querer ser” observado no negro e periférico, desejo que é barrado pelo fato de que muitos cantores não denunciam mais as contradições vividas e, de forma inconsciente, pode ser um gerador de impactos na emocionalidade e sociabilidade do indivíduo devido ao sentimento de frustração e insuficiência, provocado pelas condições do meio que lhe impedem uma transformação de si e do espaço que o circunda.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rap. Fronteiras simbólicas. Consumo. Cultura contemporânea. Emocionalidade.

**RESUMEN:** A finales de los años 90 y principios de los años 2000, el rap alcanzó su boom teniendo como fuerza motriz el carácter de denuncia de la realidad de las periferias y del individuo negro en Brasil. Hoy, el mercado pasa a vender el estilo musical y de vestirse más allá de las favelas en que las letras asumen nuevas resignaciones y abordan incesantemente una forma de culto al lujo, entrando al gusto musical de la clase media alta. Por eso, me propongo analizar el proceso de construcción de identidad y "querer ser" observado en el negro y periférico, deseo que es barrado por el hecho de que muchos cantantes no denuncian más las contradicciones vividas y, de forma inconsciente, puede ser un proceso generador de impactos en la emocionalidad y sociabilidad del individuo debido al sentimiento de frustración e insuficiencia provocado por las condiciones del medio que le impiden una transformación de sí y del espacio que lo rodea.

**PALAVRAS CLAVE:** Rap. Fronteras simbólicas. El consumo. Cultura contemporánea. Emocionalidad.

**ABSTRACT:** In the late 1990s and early 2000s, rap reached its boom with the motive force being the denunciation of the reality of the peripheries and the black individual in Brazil.

<sup>1</sup> Universidade Estadual Paulista (UNESP), Araraquara - SP - Brasil. Graduando em Ciências Sociais. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-3321-5839>>.

*Today, the market goes on to sell musical style and dress beyond the favelas where the lyrics take on new significations and approach incessantly a form of luxury worship, entering the musical taste of the upper middle class. In view of this, I propose to analyze the process of identity construction and "wish to be" observed in the black and peripheral, a desire that is blocked by the fact that many singers do not denounce the contradictions experienced anymore and, unconsciously, can be a generator of impacts on the emotionality and sociability of the individual due to the feeling of frustration and insufficiency caused by the conditions of the environment that prevent him from transforming himself and the space that surrounds him.*

**KEYWORDS:** *Rap music. Symbolic borders. Consumption. Contemporary culture. Emotionality.*

## **Introdução**

Abordar a questão do consumo é exercício minucioso e emblemático. Cabe a quem redige não sucumbir à superficialidade da temática e levar apenas para o campo econômico, ignorando todo caráter simbólico e, também, a representatividade de uma pessoa ou um coletivo que este ato de consumir acaba por expressar. Nesse sentido, busco neste ensaio apresentar de forma objetiva as duas faces do consumo dentro de um elemento que hoje entre os jovens e adultos de todas as classes faz-se presente em seus cotidianos: o *rap*.

Debruço-me sobre tal temática a fim de elucidar que o consumo musical, neste caso o *rap*, que é um estilo de vida para aqueles que vêm da periferia ou vivenciam realidades das quais se é cantado. De início, há de ter como noção base e transparente que o *rap* aparece nas favelas de São Paulo e Rio de Janeiro sendo direcionado e circulado entre aqueles vindos das periferias do Brasil, bem como ao indivíduo negro o qual é submetido a diferentes níveis de violência física e simbólica. Dessa forma, os consumidores de rap, no início, foram aqueles provenientes dos mesmos espaços que os *MC's* – mestres de cerimônia. Permitiu-se, então, aos jovens realizarem uma crítica social a respeito das questões vivenciadas no cotidiano dentro das periferias em que toma a arte como instrumento de engajamento político capaz de reelaborar o cotidiano e permitir a reconstrução da identidade negra. A partir do verso cantado pela *rapper* Drik Barbosa, podemos entender qual é a luta do *rap* ao longo dos últimos anos que de forma

objetiva: “*correria é lutar pela Marielle*<sup>2</sup>/ RAP é compromisso e *responsa/ Resistência pique rainha Nanny*<sup>3</sup>” (BK; Drik Barbosa, 2018)

Dado este panorama, olhar e analisar o rap vindo dos anos 80 e 90 com nomes de extrema influência até os dias atuais<sup>4</sup> os quais deram o impulso para a cena do rap através das denúncias presentes nas letras acerca do que acontecia nas vielas dos morros. Após os anos 2000, há que se considerar algumas variáveis, acrescentando a era digital que junto com o neoliberalismo emergiram os fenômenos da *hiperprodução, do hiperconsumismo, da hiperprodutividade e da hiperinformação*, as quais bombardeiam o indivíduo com constantes estímulos ao consumo, associado aos grandes fluxos de informações que levam os estilos e tendências para dentro da casa onde nas ruas podemos observar através de *banners*, vitrines e propagandas os quais afetam diretamente a psique, o comportamento e a sociabilidade dos sujeitos.

Outro fator a se considerar é o período e os efeitos gerados durante a fase em que Brasil fora governado pelo metalúrgico e membro do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio “Lula” da Silva, quando a partir das políticas de inclusão e assistencialismo propiciou a essa população que mora em áreas marginais o acesso ao consumo o que também, a longo prazo, acaba por influenciar a mentalidade daqueles indivíduos, seus padrões de consumo que são direcionadores dos pares antagônicos de frustração e realização.

É necessário, também, analisarmos a construção de um estigma perante aos “outsiders”. Se acompanharmos a figura do marginalizado ao longo da História, em *Memórias de um Sargento de Milícias*,<sup>5</sup> temos a imagem do anti-herói Leonardo Petarca, passando pelo século XX com o sociólogo Antônio Candido (1970) que nos levanta, já na segunda metade do século XX, a discussão sobre a figura do malandro em *Dialética da Malandragem*, por exemplo. Isto explicita que o ator social em questão possui uma identidade, uma imagem e um *agir no mundo* imposto pela sociedade construídas através do estigma, adequando-se em conformidade com cada período histórico.

<sup>2</sup> Marielle Franco era uma mulher negra, moradora do Complexo da Maré, defensora dos Direitos Humanos, socióloga e mestra em Administração Pública. Em 2017, foi eleita pela Câmara do Rio de Janeiro pelo PSOL e, também, Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. Representava, nesse sentido, a voz de grupos oprimidos – população negra; feminina e LGBTQ – dentro da política carioca e símbolo de luta contra as desigualdades. No dia 14 de março de 2018, Marielle foi assassinada em um atentado ao carro em que estava. O crime realizado por cunhos de discordâncias ideológicas, representa cruamente o machismo, o racismo e a intolerância no Brasil.

<sup>3</sup> Rainha Nanny, ou apenas Nanny, foi a mais popular líder dos quilombolas jamaicanos conhecidos como Maroons do século XVIII.

<sup>4</sup> Pode-se trazer como exemplos destes músicos que transcendem seu tempo no cenário *do rap* são: o grupo *Racionais MC's* e *RZO*; a rapper Negra Li e o rapper Sabotage.

<sup>5</sup> Livro escrito pelo romancista Manuel Antonio Bandeira na cidade do Rio de Janeiro, publicado pela primeira vez no ano de 1854.

E não se faz diferente durante o século XXI, tampouco na questão do *rap* por mais que seja um dos gêneros musicais mais ouvidos e que seus cantores possuam altos salários. Ao ter o seu *boom* no final do século XX, a sociedade ainda olhava para estes grupos e seus espaços, como arruaceiros e bandidos, no entanto, este estilo musical por ter se escorrido para o universo das classes mais ricas, este estereótipo de que é um gênero ouvido “apenas” por aquele grupo da periferia”, acaba por ser rompida com a ajuda do mercado. Com este cenário, nota-se como agentes facilitadores desta ruptura, o mercado fonográfico com as letras de ostentações e o mercado da moda que promove roupas e estilos, principalmente do cotidiano da periferia, a preços direcionados um seletivo grupo social. Neste processo, só não se rompe com a construção do estigma e da figura social que este grupo recebe a qual é tecida há séculos, impondo constantemente padrões de sociabilidade e percepção de mundo acerca dos marginalizados. Nota-se que o mercado - tanto o da moda quanto o da música - vende o produto da periferia sem buscar fortalecer este espaço e a trajetória, enquanto muitos daqueles que consomem algum destes produtos, apenas o fazem de forma hedônica.

Este exercício feito através do mercado em vender uma cultura da periferia, tanto musical ou na forma de se vestir, tem a ajuda da *hipercomunicação* que impulsiona um produto fazendo com que atinjam alcances para além das periferias, como um embrulho a ser comprado. E, neste movimento, o qual também é efêmero, dão uma *ressignificação*<sup>6</sup> por aquilo que se entendia como *moda*, mas que devido a sua brevidade e alta repercussão, faz com que queiram ter ou ser o *hype* do momento, tanto o sujeito negro e periférico quanto o sujeito branco morador de bairro nobre. E em qualquer um destes ambientes, mantém-se enraizadas as questões de preconceito dentro da psique, do discurso e do comportamento destes atores sociais.

Por outro lado, há *rappers* que trabalham com a realidade na favela, com a busca da identidade negra, da conscientização do seu grupo, buscar devolver autoestima para o indivíduo negro, dando voz primeiramente a seus moradores, para que assim, periferia tenha uma coletividade e consciência no seu lugar no mundo.

Contudo, tomarei como base alguns *rappers* e trechos de músicas que elucidam esses dois universos para dentro do rap a fim de elucidar tais questões e mostrar aquilo que é central: como se estrutura a mentalidade deste indivíduo? Em meio a estes dois processos, como ele se vê e também o seu espaço no mundo? O quanto esse consumo da música; suas diferenças dentro de um mesmo gênero com a mesma gênese afeta a consciência de si?

<sup>6</sup> SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Ed.: Zahar. Rio de Janeiro, 1990.

## Pensamento acerca do negro hoje: raízes do passado

Antes de adentrarmos nesse universo do simbólico presente no rap, na periferia e nas suas múltiplas formas de consumir, precisa-se compreender o processo e nisto, subentende-se pensarmos uma trajetória no Brasil erguida pelo negro; o marginalizado; o colonizado afim de compreendermos sua mentalidade, seu agir no mundo hoje, gostos e *habitus* (BORDIEU, 2007). E para erguer este ensaio, necessariamente, a base se faz na História - e uma do ponto de vista do colonizado.

Traçar a história do africano e descendentes africanos em solos brasileiros é compreender que o Brasil foi, sem dúvida, colonizado pelo negro e que ao decorrer do processo civilizatório ambos caminham de mão dadas as quais uma se fazia e faz como direcionadora de definir o seu lugar na sociedade para cada uma delas. Mas em que sentido isto ocorre? Em nossa base cultural, caminhando desde a nossa produção artística até os pratos de nossa culinária, muito há de nossas raízes africanas, o que se contradiz com a realidade deste grupo ao qual se encontra apartada. E é neste sentido que este item se desenvolverá, dando enfoque para um longo projeto de exclusão de determinados setores da sociedade brasileira e a estruturação de nossas instituições, que caminha com a construção histórica da figura do negro que sofre com introjeção desses costumes que em muitos momentos foi usada – seja por ignorância, seja por demagogia – como argumento para sustentar um convívio pretensamente pacífico entre negros e brancos que se constrói ainda no período escravocrata.

Convivência esta que fora retratada nos anos 30 por Gilberto Freyre que articula, em sua obra *Casa grande & Senzala* (1933), o cenário das paixões onde dentro de um meio antagonista constituído por senhores e escravos, essa relação carnal possibilitava a convivência entre duas raças e culturas distintas, notando-se que “toda a violência e o excesso ligados às práticas sexuais da casa-grande dão a impressão de ser atravessados por uma ambiguidade essencial” (BOTELHO; SCHWARCZ, 2009, p.204) a qual acentuava as diferenças e permitia tal convívio desses meios que perpassava por uma espécie de um *ethos*, implicando num antagonismo em equilíbrio. Ao debruçar-se sobre essas íntimas relações que estruturam a sociedade brasileira, percebemos que se criou um sistema de “dividir para governar” em que esta condição constitui a identidade nacional que buscava ao espectro de uma violência - aquela cometida por sujeitos da Casa grande frente aos sujeitos escravizados. Tal constatação, antes de ser entendido como um dado, é tida como um processo, pairando sobre ele um projeto cultural e ideológico das classes dominantes.

A questão que fica para nós é o debate da ideia trazida por Freyre acerca da existência de um antagonismo em equilíbrio. Darcy Ribeiro (1979), em sua obra *Ensaios insólitos* (1979), tem um pequeno texto intitulado *Sobre o óbvio?* no qual irá refletir aquilo que, há algum tempo, foi considerada uma obviedade, mas que, ao se tornar um fato desmascarado, apresentava-se enquanto mais óbvio ainda. Seguindo a assertiva da explanação de Darcy, veremos que os negros ocupam estes espaços em decorrência de um determinado sistema social que, por estratégia de uma determinada classe dominante, corresponde a certos interesses que derivam de sua posição de enquanto classe. Portanto, obviamente, um antagonismo em profundo e *intencional* desequilíbrio.

A sociedade brasileira largou o negro ao seu próprio destino, deitando sobre seus ombros a responsabilidade de reeducar-se e de transformar-se para corresponder aos novos padrões e ideais de homem, criados pelo advento do trabalho livre, do regime republicano e capitalista (FERNANDES, 1978, p. 20).

Portanto, antes de Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes já nos dizia que as oportunidades econômicas não seriam igualmente desfrutadas pelos grupos raciais em função do ponto de partida assimétrico a que foram submetidos. Dessa forma, o negro foi empurrado para os setores mais subalternos no interior da sociedade, pois o trabalho livre não lhe propiciou as condições de inserção nos setores dinâmicos da economia competitiva. O negro se vê substituído pela figura do imigrante que se apresentava, tendo a seu favor amplas possibilidades de ascensão social em função das condições inerentes à economia de mercado nascente, enquanto o negro saindo de um modo de vida escravista encontrou todas as dificuldades de adaptação à estrutura social que estava sendo tecida.

A partir disto, configura-se um processo crucial para entendermos as questões relativas ao autocontrole das emoções da população negra e da interiorização da sua emocionalidade, que fora imposta de fora para dentro em que estas emoções se exteriorizam, por exemplo, pelas vias do consumo. Mas, e quando o meio não proporciona tal exteriorização? É certo que inúmeras barreiras estão pré-estabelecidas para o afrodescendente num convívio e ascensão numa sociedade de hegemonia branca – portanto, com *habitus* e discursos cristalizados pela óptica do colonizador -, mas há também diversos obstáculos emotivos postos e internalizados neste sujeito desprendido da sua História e incompreendido quanto a sua identidade, como nos traz Fanon (2008)<sup>7</sup>, com seu título em que este coletivo possui *peles negras, máscaras brancas*. E suas formas de consumir não fogem a esta definição.

<sup>7</sup>*Peles negras, máscaras brancas*.2008

## O Governo Lula: uma nova trilha sonora da periferia

Em 2002, Luís Inácio “Lula” da Silva, filiado ao Partido dos Trabalhadores e ex-metalúrgico, foi eleito Presidente da República. Este manteve as bases da política econômica de seu antecessor, honrou os contratos e deteve a anunciada fuga de capitais, dando destaque para a expansão e criação de programas sociais, pela redistribuição dirigida de renda, pelos esforços em favor da descentralização econômica e pela inclusão de milhões de brasileiros nos círculos do consumo. Impulsionou a geração de empregos e aqueceu sobremaneira o mercado interno, reduziu o número de miseráveis e teria feito aumentar a parcela da população denominada pelos técnicos do governo como “nova classe média”<sup>8</sup>. Sua dinâmica econômica funcionou em uma espiral ascendente. Implantou uma política contínua de aumento real do salário mínimo e, consequente aumento das aposentadorias e pensões atreladas ao salário mínimo, manteve a inflação em patamares baixos e desburocratizou o processo de criação de empresas. Em 2010, a renda somada da classe C chegava a 500 bilhões de reais, alimentando 76% do consumo do país (MEIRELLES; ATHAYDE, 2014). Vejamos mais detalhadamente esse período.

As políticas de distribuição de renda dos governos Lula e Dilma alçaram grandes parcelas oriundas das classes C e D à condição de consumidores, seria a "nova classe média", o que trouxe outros olhares para esse espaço social, logo, “a vida na periferia melhorou “porque a sociedade começou a ver os povos da periferia como um todo e não como antigamente que era somente pessoas pobres” (OLIVEIRA, 2016, s/p).

Com a recente mudança econômica e com a visibilidade internacional que a favela ganhou, em particular, com o cinema, divulgaram-se, também, as suas produções musicais. Todavia, tanto o rap quanto o funk, mesmo que não sejam um símbolo nacional, dão uma boa dimensão do contexto fragmentário e disruptivo, ao contrário do samba que sugere uma perspectiva ordenada, coesa e não violenta do país.

As classes dominadas participam de forma organizada em que, mesmo tendo sido “seduzidas” pela grande burguesia, estas permanecem como base social. Foram beneficiadas com o crescimento econômico; com a recuperação do emprego e da política de reajuste do salário mínimo, que aumentou o poder aquisitivo da base da pirâmide social; com o favorecimento da luta sindical que, através das novas condições econômicas e políticas, permitiu novas conquistas salariais; e possuem representantes sindicais em inúmeros organismos consultivos do governo.

---

<sup>8</sup>Deixo de forma transparente que a reflexão aqui empreendida não compartilha com a classificação proposta pelos técnicos da SAE (Secretaria de Assuntos estratégicos) para a definição de classe média, que toma como único fator a renda, mas que o Brasil experimentou uma ampliação da capacidade de consumo de parcelas pobres da população, que se inserem como “novos consumidores”.

Todavia, por mais que ele se faça de forma eficaz e que tenha implicado em notórias melhorias nas periferias, é preciso nos atentar a um ponto que chega a ser banalizado: a difusão de uma nova dinâmica do processo de democratização na qual a vida começa a exigir dos indivíduos que sejam *empreendedores de si; agentes do seu próprio destino*<sup>9</sup>. E isto, implica também num ponto que tange a uma crise de representações sociais fazendo não mais da figura do pai, da mãe, ou seja, daqueles dos laços familiares como uma referência para que se possa constituir uma identidade, mas os modelos migram para a esfera social mais ampla e novos atores emergem na esfera pública, tais como jogadores de futebol e músicos que constitui gradualmente o *Ego Ideal*<sup>10</sup> do sujeito.

Tratamos aqui da periferia como berço de gêneros que constituem e é constituída pela sociedade, neste caso debruçado sobre o rap e em nomes que eclodiram em menos de 5 anos há certos pontos cruciais a se pensar: excluamos de antemão a perspectiva de análise daqueles indivíduos que buscam tal referencial de identidade numa ótica do branco; do colonizado, pois isto não cabe num ensaio único. Mas busquemos compreender aqueles atores sociais da favela em que buscam fontes vindas do seu próprio meio e que ascenderam socialmente, como os *rappers*. Agora, pensemos naqueles que com os programas do governo obtiveram também uma ascensão social e, conseqüentemente, acesso ao consumo e juntemos isto, ao consumo e à dinâmica social como um todo, trata-se aqui de uma aura do *hiperconsumismo*. Estes três pontos deságuam num panorama complexo e por muitas vezes enigmático, não só olhando para uma estrutura social, mas principalmente para as organizações das estruturas mentais, em que, na esteira desta sociedade, acaba-se por ter um sistema gerador de angústias, uma representação incessante a partir do uma projeção narcísica ao ponto de ser algo que prende o indivíduo em constantes ressignificações para o seu ideal de Ego. A não conclusão desse projeto de vida gera, inevitavelmente, o sofrimento e para aqueles que não são proporcionados devidas condições a acesso de capitais – econômico, cultural, social, humano - o leque de possibilidades praticamente torna-se mínimo e isto, nos ajuda a explicar um dos principais temas comentados ao se falar “favela” que é a criminalidade - mas que este ponto, também não se limita a este curto ensaio.

Por hora, reforço que este artigo não busca criticar um modelo de partido, suas práticas, mas sim olhar e reconhecer a importância dos programas assistencialistas do PT e todas as condições que forneceram àqueles que nunca foram lembrados, as possibilidades de ascensão.

<sup>9</sup>EHRENBERG, A. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. SP: Ideias & Letras, 2010.

<sup>10</sup>Termo utilizado pela autora Neuza Santos no livro *Tornar-se Negro*. Tal conceito será trabalhado mais adiante, em síntese, o Ego Ideal representa uma idealização maciça e predomínio das representações fantasmagóricas.

Contudo, na dialética da vida, ocorre um processo deteriorante do sujeito, apresentando-se inconscientemente, no qual tanto a internalização quanto a externalização das emoções levantam questões geradas por patologia mental e social.

Ao trazer letras e cantores de rap para este ensaio, também não se busca apontar o “melhor ou o pior”, o “certo e o errado”, mas que estes vieram da periferia e alcançaram espaços que há dez anos atrás parecia muito mais longínquo. O cantor BK, na sua faixa “Quadros” nos permite enxergar claramente esta discussão em poucos versos:

E a falta do básico/ Nos fez querer ter mais que o necessário/ Meu desejo virou meu adversário/ Castelos imaginários, personagens e cenários/ Navegar sem naufragar por esses mares/ Viver pouco como um rei ou muito como um Zé? Essa eu ainda não sei responder. (BK, 2016)

### **A voz vinda das vielas até as passarelas: o rap e a sua dualidade**

Ao olharmos para um processo de estigmatização sobre a população negra e periférica, até mesmo no que tange a suas produções culturais, nota-se como fruto da introjeção da imagem do negro pelo homem branco, que a prática discursiva recai em avaliações autodepreciativas, o que nos leva a uma divisão dentro dos *outsiders*<sup>11</sup> onde o meio negro se dividia em “conformados com a vida de negro” e entre “aqueles que buscavam romper com o paralelismo negro/miséria”, conforme afirma a socióloga e antropóloga Neuza Santos (1983). Portanto, no que tange a essa questão é extremamente importante ressaltar que a vontade de o sujeito que não se identifique com a sua cor ou qualquer traço afrodescendente, é um desdobramento de um processo civilizatório que configurou e reconfigurou aquilo que se entende por “belo” em que este acompanha as dinâmicas e se adequa de acordo com a sociedade - normatividade branca - o que implica nessa prática social dos negros em buscarem, incessantemente, tornarem-se brancos.

E o rap se configura como só mais uma esfera que fora acometida por isto, percebendo-se dentro do mesmo estilo dois panoramas. O primeiro é aquele onde o cantor – destes analisados e que eclodiram em menos de cinco anos – após alcançar um prestígio no ramo e na sua comunidade, ascendendo social e economicamente refazem sua lírica e abordam temáticas que buscam o consumo hedônico, ostentatório e não mais inseridos em sua realidade de origem, mas ocupando bairros nobres dos grandes centros – uma realidade distante daquela dos seus

<sup>11</sup>Termo usado por Norbert Elias (2000) em que, a partir de uma narrativa de uma comunidade fictícia, entende-se por *estabelecidos* os grupos que se consideram “superiores” frente àqueles que chegaram recentemente ao povoado, vistos de forma estigmatizante e inferiorizada – os *outsiders*

ouvintes, e que estes o buscam como referenciais. O segundo panorama ocorre dentro de um grupo de cantores no *rap* que também obtiveram uma ascensão social e aquisitiva, mas que, no entanto, as letras buscavam reforçar ainda mais a identidade do povo negro, a comunidade da favela, devolver a autoestima e que se mantiveram nas periferias para que fosse um exemplo próximo aos moradores.

Quando se ouve um som vindo daquele grupo que trabalha com letras de consumo intensivo - ressaltando o que veste ou promovendo algum produto e, nisto, a *hipercomunicação*, fará com que isto se torne um *hype* - desperta em qualquer indivíduo a sensação de querer consumir e ainda mais para fãs, sendo que sua maioria está nas periferias onde aquilo que se é cantado, não retrata mais a realidade deste espaço e sim acaba por alcançar uma camada mais seletiva da sociedade. E isto produz ao mesmo tempo em que consome este som, gera angústia devido a uma constante tensão, a qual necessita suprir o Superego e o desejo de “querer ser” que naquele momento se encontra inviabilizado.

Para compreender melhor esse conflito, é preciso entender que há a existência de um *Ideal do Ego* num plano e noutro, há o *Ego Ideal*. Este é guiado pelo signo da onipotência, caracterizando a idealização maciça e representações fantasmagóricas, considerado como sendo o destinatário do “autoamor” que o ego usufruía na infância. A distinção é entre realidade e uma idealização, imposta pelo fato de que desde a infância, a realidade parece perdida para sempre. Enquanto o *Ideal do Ego* se encontra na esfera do simbólico, é, dessa forma, “a estrutura mediante a qual se produz a conexão da normatividade libidinal com a cultural” (SANTOS, 1983, p.33), buscando recuperar a perfeição narcisista de sua infância sob a nova forma do ego ideal, que é diferido como um objetivo a ser alcançado no futuro. Dessa forma, o **Ego Ideal** poderia ser visto como a sobrevivência nostálgica de um narcisismo perdido, aquilo que se almejava ser enquanto mais jovem, por outro lado, o **Ideal do Ego** parece ser a formação dinâmica que sustenta ambições para o progresso.

Na esfera do Ideal do Ego, a autoestima que o indivíduo almeja é obtida pelo seguimento dos preceitos decorrentes do que se conhece por Superego e sua não concretização, como ocorre nos casos impossibilitados de consumo e o *tornar a ser*, gera um sentimento de culpa, bem como o de inferioridade como substrato desta tensão (SANTOS, 1983).

Pensar esses *rappers* que ascenderam economicamente e foram morar em bairros de classe alta e que pregam o luxo e ostentação, são antes de tudo produto de um processo social, o qual fora envolvido, a uma dinâmica da sociedade com normatividade branca que induz aquilo que se deve consumir - seja de forma material como a imaterial - e que alcançando certo *status* conseguiram um poder de compra, mas que acabaram vendendo uma trajetória, a voz de uma

população que não tem acesso a isto. Em síntese, grande parte dos seus ouvintes acaba por se descolar da sua realidade e por sucumbir ou ao seu conformismo social, ou por gerar insuficiência de si por não conseguir consumir aquilo que o outro consome.

O consumo, neste modelo de *rap*, se faz hedônico, completamente descolado da História deste gênero, mas que mesmo assim se encontra inserida dentro da Cultura como um todo, bem como, nos remonta Sahlins (1990), uma vez que esta constitui e é constitutiva do processo histórico e que esses cantores que por meio da organização da experiência e de sua ação, nos coloca frente a esta nova vertente do *rap*, a qual ao mesmo tempo que a História se faz na estrutura social e deste gênero musical, toda a mudança que ocorreu e ocorre é tida como uma representação cultural. Neste caso, um *rap* marcado pela ostentação, mas antes de tudo, indivíduos - cantores e ouvintes - guiados pela cultura do consumo em que, indiscutivelmente, se apresentam como uma alternativa para aqueles que enfrentam as dificuldades geradas pela construção do estigma e para a busca do acúmulo de capital, para além daquelas que o seu meio proporciona – como a criminalidade e prostituição. Na música intitulada *Dinheiro* produzida por Mãolee, o *rapper* BK reflete em suas palavras a necessidade de consumir que impacta o negro e periférico, caracterizando o caráter do sujeito de uma sociedade de desempenho:

Dinheiro mata, dinheiro morre/ Dinheiro eu gasto, dinheiro corre/ Dinheiro é ouro, dinheiro cobre/ Se eu tô cansado, ele me move [...] É que a gente não quer só comida/ Mas não aguenta mais viver só de pecados (MÃOLEE; BK; FILIPE RET, 2018).

A identidade de um indivíduo, segundo Costa Ciampa (1993), é constituída por meio de suas ações no social, permitindo a possibilidade de escolha que em conjunto com as condições já dadas vão lhe proporcionar a *vida*, concretizando a sua identidade. No entanto, quando essas condições dadas impedem as alternativas do ser humano de se efetivarem, expressar-se-á uma desumanidade de seu tempo e da sociedade uma vez que veda a identidade do homem o que o autor chama por uma negação da vida, a *morte*. E ao nos atentarmos para esta distinção dentro da problemática em análise, a condição do indivíduo periférico que, estando inserido numa sociedade competitiva onde não lhes são apresentadas formas capazes de inseri-lo no cenário social, sendo cada vez mais comprimido à cultura do homem branco e ao compreendermos que “[...] uma identidade humana é sempre negação do que a nega” (CIAMPA, 1993, p. 35). Portanto, é necessário compreender que esse processo gera no indivíduo sem acesso a tais luxos, um autocontrole das suas emoções e a internalizá-las uma vez que as condições do meio que não propicia *vida* para si e aquilo que o cerca. Neste tocante:

[...] quando pulsões agressivas não são projetadas, pode-se constatar que são conscientes, mas reprimidas, controladas, não expressas [...] as fantasias ou emoções estão presentes como um longo sofrimento, surdo e discreto, opressivo, inconfessável, que convém calar “para não desanimar meus pais”[...] “porque contam comigo” e também para não se mostrar vulnerável (ORTIGUES; ORTIGUES, 1989, p. 101).

Nessa linha de pensamento, podemos compreender também uma das diretrizes para se analisar a iniciação no mundo do tráfico de drogas: se não caminha pela esteira da cultura, pelo fato da falta de condições ao indivíduo, há como forma de ascensão e rapidamente, este universo do comércio das drogas para que, assim, não esteja cercado daquilo que se entende por *morte*. E é neste cenário que o *rap* se faz de auxílio aos indivíduos, em mostrar a possibilidade de outros meios que proporcionam *vida*. O *rapper* Bukola2Tey que já esteve sob regime carcerário, em uma de suas participações com outros dois cantores, também expoentes do cenário nacional - Tiago Mac e Sant, seu primo - nos descreve um pouco da importância que não apenas o *rap*, mas o *hip-hop* pode adquirir na vida dos sujeitos:

Fonte de orgulho, olhar de frente do futuro/ Busque ser o teu orgulho/ Que a molecada vai junto olhar seguro/ Sempre te motivei/ Você que não entendeu a força da palavra “coletivo”/ O alívio de um sorriso/ [...] Cuidando das cantigas que têm pesos milenares/ No chuí-chuí das folhas secas, regredi sem retroceder/ Repensei sem enfraquecer/ Uma nova época habita aqui/ Faça arte e terapia para progredir/ [...] Para! Talento e droga não têm nada a ver/ Quem se confunde no caminho põe tudo a perder/ É no sorriso da palavra que vai conhecer/ A importância da família para um novo ser (BUKOLA 2TEY, SANT; TIAGO MAC, 2018).

Ao trazer para essa discussão a autora Mary Douglas (2004), percebemos que o consumo pode ser visto como uma arena e a Cultura é objeto de lutas que lhe fazem forma e, nesse sentido o acesso aos bens é como um fio condutor dos padrões de consumo em que barreiras se erguem para impedir que muitos participem deste circuito de trocas. Portanto, a acessibilidade a este universo da cultura do *hip-hop* onde o *rap* está inserido e imerso nele, suas duas vertentes geram duas formas de consumir que implica em uma estrutura mental antagônicas. Por trás disto, encontra-se uma estruturação com alicerce das condições econômicas e sociais as quais pressupõem as diversas formas de entrar em relação com as realidades e que estão “estritamente associadas às diferentes posições possíveis no espaço social e, por conseguinte, estritamente inseridas no sistema de disposições - *habitus* - características das diferentes classes e frações de classe” (BOURDIEU, 2007, p. 13).

Hoje, com a indústria musical vendo a favela como um embrulho pronto a ser vendido para o Brasil e para o mundo, levando o *rap* e seu estilo de vestir para passarelas, é só mais um exemplo de que compram e vendem a partir do *outsider*, do colonizado e que o discurso e

práticas frente a estes grupos continuam a oprimi-los, ou seja, o consumo hedônico da música e vazio de reflexão. Outra consequência disto é produzir no sujeito da periferia o anseio a compra, ao estilo de vida que idolatram, a uma vida que lhe coincida com aquilo que ouve, mas que barreiras simbólicas e fragmentações sociais acabam por serem responsáveis por inviabilizar suas projeções e produzir a angústia onde a partir do olhar no outro que “o sujeito descobre que se tornou objeto de zombaria, desprezível, antipático... mais do que pelos sentimentos que experimenta” (ORTIGUES, 1989, p. 110).

Dentro desta indústria, vender músicas que retratam apenas o luxo e a ostentação é, obviamente, algo que vende e não apenas para a periferia, mas para todas as camadas sociais, mas que na contramão deste movimento há letras que buscam traduzir a realidade de uma desigualdade avassaladora, levar a autoestima que fora roubada deste grupo. Nesse retrato, o *rap* busca derrubar essas barreiras e estigmas sociais que não só afetam o que um sujeito é capaz de consumir, mas a sua saúde mental e assim, o *rapper* nos traz, de forma saudosa, afim de despertar uma mudança no indivíduo por ele adverte: “Fuja, agora eles não querem que a gente pense, que a gente viva, que a gente cresça ou que a gente faça/ (...) Eu quero ser maior que essas muralhas que eles construíram ao meu redor” (BK, Titãs, 2018).

Ao fazer uma alusão às muralhas erguidas com o estigma criado pela sociedade sobre o negro, o marginalizado, há a necessidade de procurar formas de desmantelá-las e construir uma identidade forte frente à vida social, e o ouvinte de *rap* que consome a vertente do hedonismo, pode acabar por *ressignificar* uma ferida narcísica que tem como núcleo a tensão já mencionada entre Superego e Ideal do Ego.

[...] toma como feitiço de sentimento de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão, afetos e atitudes que definem a identidade do negro brasileiro em ascensão social como uma estrutura de desconhecimento/reconhecimento (SANTOS, 1983, p.78).

Por hora, levantar tais questões psicológicas, sociais e antropológicas acerca do consumo musical no *rap* e seus desdobramentos nos faz pensar para quem e por quem estas músicas são direcionadas e as implicações em seus consumidores. Em que ponto se distanciam e geram novas significações e ressignificações no que se diz respeito à lírica, ao público alvo daquilo que no início era exclusivamente para denunciar as desigualdades e retratar a realidade destes grupos marginalizados? Em que ponto apenas contribui para o cenário musical estando apenas para um consumo raso ou que, na contramão, constitui uma fonte salvadora da sua realidade externa e interna que ainda se faz viva neste espaço? São perguntas que se estendem para além de um ensaio, mas algo é certo: dentro deste universo do *rap*, este anda de acordo

com a dinâmica social e suas reconfigurações, sendo o caminho, indubitavelmente, mais próximo ao capital e sua lógica de mercado. Dito isto, frente às duas perguntas brevemente mencionadas, suas respostas já se tornam um pouco mais previsíveis.

### Considerações finais

Como nos lembra Sahlins (1990), a possibilidade de mudança se faz pela permanência de um passado, isto é, a partir de uma continuidade, pois é preciso manter categorias culturais anteriores, as quais são constantemente ressignificadas a partir de acontecimentos do presente. Assim, o *rap* – seja qual faceta assuma – busca dar luz a outros caminhos para aqueles que vieram do mesmo meio ou experienciam as realidades tratadas nas letras. Para a *rapper* Clara Lima, nos transparece esta ascensão social e ostentação como um produto do caráter de denúncia, a qual é uma das bandeiras deste movimento:

Meu grito é a volta de toda revolta que me fez de escolta/ esses tempo calado/  
Na minha fé inabalável, por ser onde nós é, é inacreditável/ Que estamos onde  
estamos, hoje somos notado/ E além de tudo com os bolso lotado (CHOICE;  
CLARA LIMA; TIAGO MAC; KAYUÁ, 2018).

A guisa de conclusão e para consolidar esta conclusão, um dos *rappers* com a lírica que nos traz mais reflexões, Sant, nos traz a seguinte mensagem:

Com aquele discurso de sempre: “é só se esforçar”/ Pô, geral é capaz/ Mas  
ninguém quer instruir/ Mano, eu vim, vi, venci/ Quando virei exemplo pra  
outros manos não se destruírem/ Lembrarão de mim a tempo/ E eu lutarei pra  
honrar quem lembro, sem balançar/ Minha bic não trepida, manda buscar/ Essa  
luz nada vai ofuscar, nada vai alcançar/ Sem neurose, enquanto o coração bater  
eu tenho base/ Favela cria, Favela vive, o mundo ao norte/ São nossas vozes  
contra a metrópole/ Romantizam nossas dores, lucram da nossa vivencia/ São  
péssimos atores/ Nossa revolução é cultura, trabalho e fé/ Ou bota a cara e mete  
a mão ou vira e mete o pé (SANT, 2018).

Por fim, o trecho mencionado faz-se de mais um reforço à ideia de que, por mais que o RAP no Brasil tenha avançado e rompido barreiras, expandido as fronteiras das favelas - onde se torna referência para aqueles que vivem as realidades cantadas ou já vividas pelos *rappers* - e ressignificando a noção e o processo de construção de autoestima deste grupo, juntamente com uma conscientização; também se converteu em símbolos de riqueza, difundindo-os. Contudo, há neste movimento, uma falsa ideia de liberdade, a qual é produzida pela

transferência de uma *biopolítica*<sup>12</sup> para uma *psicopolítica*<sup>13</sup>, que proporciona, *a priori*, uma ideia de emancipação, mas que inconscientemente mantém a coação pelas estruturas estigmatizantes, as quais não acompanharam tal ascensão, modificando apenas a prática da violência física e simbólica deste grupo.

## REFERÊNCIAS

- BOTELHO, A; SCHWARCZ, L. **Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país**. Ed.: Editora Companhia das Letras. São Paulo, 2009.
- BOURDIEU, P. **A distinção: Crítica social do Julgamento**. Ed.: EDUSP. São Paulo, 2007.
- COSTA CIAMPA, A. **A Estória do Severino e a História da Severina**. Ed.: Brasiliense, 1993.
- DOUGLAS, M; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: uma antropologia do consumo**. Ed.: UFRJ. Rio de Janeiro, 2004.
- EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. SP: Ideias & Letras, 2010.
- ELIAS, N. **Ensaio teórico sobre as relações estabelecidos-outsiders**. Ed.: Zahar. Rio de Janeiro, 2000.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Ed.: EDUFBA. Salvador, 2008.
- FERNANDES, F. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. Ed.: Editora Ática. São Paulo, 1978.
- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**. Ed.: Global. São Paulo, 2006.
- MEIRELLES, R; ATHAYDE, C. **Um país chamado favela**. Ed.: Gente. São Paulo, 2014.
- OLIVEIRA, E. **Rap contestação e funk ostentação: Consumo e discursos sonoros na periferia**. Tese. Araraquara, 2016.
- ORTIGUES, M.C.; ORTIGUES, E. **Édipo Africano**. Ed.: Escuta. São Paulo, 1989.
- SANTOS, N. **Tornar-se Negro**. Edições Graal LTDA: Rio de Janeiro, 1983.
- SAHLINS, M. **Ilhas de História**. Ed.: Zahar. Rio de Janeiro, 1990.

<sup>12</sup>FOCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Ed.: Editora Vozes. Petrópolis, 1999.

<sup>13</sup>HAN, B.C. *Psicopolítica: Neoliberalismo y Nuevas Técnicas de Poder*. Ed. Herder Editorial. Barcelona, 2014.

## DISCOGRAFIA

BK. **Quadros**. Álbum: Castelos e Ruínas. Gravado em: Pirâmide Perdida Records. Rio de Janeiro, 2016.

BK. **Titãs**. Álbum: Gigantes. Gravado em: Pirâmide Perdida Records. Rio de Janeiro, 2018.

BK; Akira Presidente; Drik Barbosa. **Correria**. Álbum: Gigantes. Gravado em: Pirâmide Perdida Records. Rio de Janeiro, 2018.

BUKOLA 2TEY, SANT; TIAGO MAC. **Pandora**. Single. Rio de Janeiro, 2018.

CLARA LIMA; CHOICE; TIAGO MAC; KAYUÁ. **Inimigos**. Single. Gravado em: Brainstorm Studio. Rio de Janeiro, 2018.

MÃOLEE; BK; FILIPE RET. **DINHEIRO**. Gravado em: TudoBom Records. Rio de Janeiro, 2018.

SANT. **Sodoma**. Single. Gravado em: Selo Favela Cria. Rio de Janeiro, 2018.

### Como referenciar este artigo

BALTHAZAR, André Giglio. Rap e suas formas de consumo: uma análise das implicações sociais e mentais do indivíduo. **Rev. Sem Aspas**, Araraquara, v.7, n. 2, p. 267-282, jul./dez., 2018. E-ISSN: 2358-4238. DOI: 10.29373/sas.v7i2.12495

**Submetido em:** 12/12/2018

**Aprovado em:** 14/02/2019